

Império ameaçado

Está na hora de agir positivamente para salvar o que ainda resta do reinado citrícola brasileiro

ANTÔNIO FIOREZZI

A citricultura paulista entra no novo milênio mergulhada nas incertezas e temores característicos de uma cultura que não teve um planejamento acompanhado de uma política agrícola que contemplasse toda a cadeia produtiva.

Na verdade, todo o agronegócio paga caro por esse erro enquanto nossas instituições governamentais, políticas, sindicais ou classistas *fazem de conta* que se preocupam com os destinos da roça.

Sobre o suco derramado

Procura-se um culpado porque é difícil admitir o próprio erro. E o erro de citricultores, agroindústrias do suco e instituições consistiu em não acreditar que tudo acaba um dia.

Plantamos e colhemos, a indústria fez o suco e o consumidor fez a sua parte. Conhecemos anos dourados e tivemos afinal a nossa Califórnia. Então plantamos mais e produzimos mais suco, mas esquecemos de avisar o consumidor de que devia beber mais ou fabricar mais bocas. Hoje temos no mundo um estoque suficiente para um ano de consumo, sem esquecer que a nova safra está quase pronta.

Como diria o poeta: "E agora, José?"

Conservando o que restou

Abaixar as armas e acalmar os ânimos seria um primeiro passo. Temos capacidade para resolver nossos problemas sem ter que transferi-los para quem quer que seja – ainda que seja o Cade.

É hora de a produção, através de suas três associações de classe e da Faesp (que bem poderia assumir de vez seu papel) e as indústrias, através da Abecitrus, buscarem a solução do impasse – ou vamos acabar lamentando a perda do título de reis da laranja, assim como hoje lamentamos ter deixado de ser os reis do café, do cacau e da borracha.

Para conservar o título de maior citricultura do mundo; gerar empregos e principalmente preservar os existentes, fazendo a melhor distribuição de renda do setor agrícola, e dar condições de subsistência a pequenos e médios citricultores, o melhor caminho não é certamente continuar procurando um bode expiatório.

As associações de classe dos produtores e a Faesp (que bem poderia assumir de vez seu papel) e as indústrias têm que achar soluções – ou vamos acabar lamentando a perda do título de reis da laranja, assim como hoje lamentamos ter deixado de ser os reis do café, do cacau e da borracha.

Difícil mas não impossível

Como toda atividade agrícola, a citricultura é uma cultura de risco. Depende de fatores climáticos, mercadológicos, consumo, estoques e tem que enfrentar o protecionismo de países consumidores.

São esses os principais itens de formação do preço a ser pago pela matéria-prima, sem esquecer o preço diferenciado pago aos grandes *pools*, bem mais alto que os praticados nos contratos *spot*.

Seria muito benéfico à saúde financeira da citricultura um preço médio pago pela caixa de laranja, independente de o citricultor fazer ou não parte de um *pool*, assim como acontece com boi, arroz, feijão, soja e todos os demais produtos agropecuários.

Ainda há tempo de salvar a lavoura, embora o abandono dos pomares seja visível – alguns servem apenas para favorecer a proliferação de pragas e doenças e em outros os tratos culturais são insuficientes para que possam produzir com retorno.

Ajustamento em marcha

Uma das conseqüências da crise no setor é o desemprego, grave problema social nas cidades que dependem quase exclusivamente da citricultura.

Mas toda a cadeia do agronegócio amarga o prejuízo com a queda do faturamento de insumos, defensivos, maquinarias e implementos.

Some-se a isso tudo o difícil acesso à tecnologia. Embora o Brasil já possua uma das melhores do mundo, pequenos e médios citricultores não têm como aplicá-la por falta de recursos financeiros disponíveis. Na verdade, o pequeno e o médio produtor tendem a desaparecer com o passar dos anos, dando espaço para que grandes grupos aumentem sua produção, como aconteceu no setor canavieiro.

Antônio Fiorezzi é presidente do Sindicato Rural de Monte Azul Paulista.